

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
26 DE SETEMBRO
ANNO I. N. 9

PROPRIETARIOS: ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES: DIVERSOS
Preços: por trimestre 24,000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE
NO RIO GRANDE
1870

AMERICA

MILAGRES
DE NOSSA SENHORA

DA CONCEIÇÃO APARECIDA

E' este o título do drama que a associação da Empresa dramatica *Phénix Rio-Grandense*, faz subir amanhã á scena.

E' elle de grande custo á empresa, mas também, não se pôde negar ser elle uma das melhores composições, de merito incontestavel e de effeito magnifico e surpreendente.

Posto em scena com todos seus innumeros preparativos, e desempenhado magistralmente, como deve sel-o, em attenção aos bons actores que conta esta nova associação — o triumpho deve ser completo, solenne e imponente; tal costuma ser o preceito do merito no animo de uma população illustrada, que contempla, vê e examina para mais tarde em arrebatamento delirante saudar phreneticamente os esplendores radiantes de luz, que desde o palco dardeja o sol da arte, do estudo, do talento e da sciencia!

Ao vêrem-se aquelles lances arrebatadores, onde seus personagens foram perfeitamente traçados pela firmeza de um talento elevado, o espectador deve perder sua natural serenidade, deve enlevar-se em pensamentos desconhecidos, até procurar no abismo profundo d'alma sahir do isolamento monotonico em que está, pois todo o fluido magnético de seu typo parece ter desaparecido e estar vigilante no scenario, onde lances magnificos tem lugar!

Tal é o valor do drama que nós occupamos e que amanhã sobe á scena.

Composição sublime, onde um espirito forte, uma intelligencia delicada, lutaria muito e muito para poder conceber-a e dal-a á luz tal como é — *MILAGRES DA SENHORA*, encontrada no insondavel oceano de uma alma grande, ninho de fortes preciosidades.

Não é nosso intento, descrevermos as variadas sensações desse drama, não; nossas forças são diminutas para um tão grande fim: nossos bons desejos succumbiriam pela falta consideravel de alento: por isso ao tratarmos d'elle aqui, apenas nos guiamos o sentimento desinteressado de rendermos por nossa vez o mediocre tributo de nossas forças ao vasto talento que o publico deve amanhã admirar no theatro Sete de Setembro, e que melhor do que nós pôde formar o juizo grandioso que elle merece.

Ainda mais, temos certeza que o publico sahirá satisfeito, e que o merito da composição não o levará uma só vez ao theatro, mas sim oito ou dez. Não é uma exaggeração, se dissermos também, que dos muitos dramas que nosso publico tem visto, admirado e applaudido, nenhum talvez, por sublime que fosse o pensamento, por elevada que fosse sua concepção, estaria na altura meritória em que se ostenta o que nós occupamos.

Em nossa humilde opinião, parece vêr-se em cada scena, em cada movimento, em cada gesto, — a gloria, de braços abertos, anhelante e sorrindo saudar alegremente o grande escriptor dessa composição e guial-o á posteridade; ao mesmo tempo que o actor, o artista inspirado, da-lhe vida e realce impellido pela grandessa do pensamento.

OS EFFEITOS

JÁ SE FAZEM SENTIR

A má vontade um dia apresentada pelo ex-presidente da provincia, relativamente á *carne verde* ou á proposta dos Srs. Martins e Irmãos, já produz seus effeitos regulares.

Não é sem motivos que avançamos semelhante proposição; o povo desta cidade bem o sabe, porque não é um acontecimento que dependa do futuro, é um passado cujo echo repercute em todos os corações, pela negativa franca, solenne e positiva que o ex-presidente da provincia, deo a municipalidade desta cidade, affirm de que não aceitasse a proposta dos Srs. Martins e Irmãos, para fornecerem *carne-verde* de boa qualidade á população, pelo simples facto de nessa firma figurar um membro da municipalidade!

Não queremos levar a questão á esse terreno, nem queremos fazer patente a abnegação do Dr. Martins de Freitas, ao saber que sua posição de vereador, o impedia de praticar o beneficio á bem do povo que o elegeu; a philanthropia deste cavalheiro, é demasiada conhecida, para que nós pretendamos reavival-a neste momento, onde outro fim nos guia.

Hontem pela manhã, como nos dias anteriores, a *carne* no mercado tem au-

dado por empenhos, é só é vendida aos freguezes, como se o demais povo entre elle a pobreza, não precisassem desse elemento substancioso!

O estado critico em que nós encontramos, demonstra bem claramente, o passo desacertado, a medida mal pensada do ex-presidente desta provincia. Suas consequencias porém, só pesam sobre o povo, que vai ao mercado com suas economias, buscar o sustento diurno, e olh fatalidade, não o encontram!

A proposta dos Srs. Martins e Irmãos, unica que se apresentou em devida forma, unica favoravel á população, unica que motivava a baixa de preço na *carne verde*, que era vendida por oitenta réis a libra: não foi aceita, e mais medida alguma se tomou!

Eis porque dissemos no principio deste artigo, que os effeitos de uma negativa, já se sentiam.

Em nome pois da população, de quem hoje nós constituimos organ, pedimos aos Srs. Martins e Irmãos, hajam de providenciar, para que o povo não sofra por mais tempo, as consequencias dessa negativa e má vontade, e para que elle comprehenda mais uma vez que o interesse não foi o que guiavamos á abraçar esse ramo de negocio.

Por emquanto paramos aqui.

O JORNAL

(TRANSCRIÇÃO)

O jornal é o thermometro da civilização de um povo.

Onde quer que encontreis um jornal podeis dizer: — este povo pensa, este povo caminha e se engrandece.

Onde, porém, não chega o reverbero dessa luz civilisadora, ha a escuridão de uma noite pesada, a escuridão da ignorancia que embrutece e aniquilla o espirito do povo.

A idéa que concebeo o *typo* pôde-se dizer, foi um segundo *fat*, della brotou a criação maravilhosa da imprensa: e o jornal é o sol desse mundo vasto em que se alteia o pensamento a banhar-se de luz.

Victor Hugo, a cabeça da inspiração e Prometheo das eras modernas, fallando da imprensa disse: — a imprensa é o trilha de ferro do pensamento.

humano. E nós dizemos: — o jornal é a locomotiva que leva o pensamento.

N'uma expressão toda cheia do philosophia e significação, deo-se aos jornaes o epitheto de folhas. Quando essas folhas se desprendem cheias de vida e de seiva da arvore gigante, ellas vão no coração do povo depositar o germen fecundo de preciosos fructos.

Na columna de ouro, onde a civilização ennastra os tropheos de suas conquistas, o jornal tremula no vertice; é a bandeira da conquista do pensamento.

Elle preenche todos os fins.

Recreia, facilitando uma hora de leitura amena, curiosa, variada e interessante.

Instrue, porque se occupa de todos os ramos de conhecimento humanos.

Moralisa, porque faz a apothose dos principios sobre que se funda a dignidade pessoal.

Engrandece, pela propagação das idéas grandiosas e sublimes que a marcha dos seculos vai deixando em seu rasto de luz.

Elle pôde-se dizer q' multiplica o homem, fazendo-o ao mesmo tempo espectador de todos os acontecimentos q' se passam na superficie da terra, a despeito das mais longinquas distancias.

Qualquer que seja o aspecto em que o consideres, o jornal é sempre sublime e importante.

Encarai-o perante as leis — é um codigo.

Encarai-o perante a religião — é uma biblia.

Encarai-o perante a virtude — é um altar.

Encarai-o perante a maldade — é um patibulo.

Organ do povo, sempre inspirado, a fallar todos os dias em prol de seus direitos e interesses, encarnação legitima da soberania popular, o jornal excede a tribuna.

Facil para todas as intelligencias, commo para todas as classes da sociedade, desde o opulento até o proletario, o jornal suffocou o livro.

Rapido, como o vento, a circular em todos os angulos do mundo, repercutindo as grandezas e feitos das nações o jornal excede o monumento, peira fixa n'um só lugar.

Combatendo pela razão e pelo direito, sempre com a arma da palavra e do raciocinio, o jornal inutilizou a espingarda, que na maior porção de saugue derramado faz consistir a razão e o direito.

No dia em que levantou-se a primeira cruz, no cimo do Golgotha, estabeleceu-se a fraternidade dos povos pelo amor e pela caridade: no dia em que o primeiro jornal sahio a circular o mundo, estabeleceu-se a fraternidade pelo pensamento.

A cruz e o jornal são dois emblemas irmaos: um diz — amai-vos, e outro diz — esclarecei-vos.

Multiplicuem-se pois os jornaes.

Que em cada aldeia onde resde o sino de uma igreja, resde tambem o machucadismo de um prelo.

Que todas as manhãs, depois do coração ungrir-se sobre as paginas da Biblia, a intelligencia possa tambem ungrir-se sobre as paginas de um jornal.

Será a idéa a abraçar-se com a fé; a sciencia a entrelaçar-se com a religião.

Deste modo a luz se diffundirá engrandecendo o espirito humano; e o povo tendo mais firme a consciencia de seus deveres, caminhará com seguros passos para o engrandecimento de seu destino. (Popular)

MEMORIAL

FESTIVIDADE. — Teve hontem lugar a festividade de N. S. das Dores.

Foi ella pomposa e muito concorrida. As senhoras que se encarregaram dos diferentes sólos mereciam especial e honrosa menção, porém o espaço nos falta.

O illustrado orador sacro, Rev. vigário Sr. Damasio de Mattos, como sempre, sua missão foi perfeitamente desempenhada; sua palavra facil e correcta, os echos estridentes do metal de sua voz, por mais de uma vez alcançaram deixar o auditorio suspenso.

— A eleição, para a festividade da mesma senhora no anno proximo futuro, recahiu nos seguintes cavalheiros e senhoras:

Juiz,

Luiz Anastacio Cadaval.

Juiza,

Exma. Sra. D. Constancia Pereira da Cunha Rocha.

Juiz por devoção,

João Carlos Queima.

Juiza por devoção,

A Exma. Sra. D. Maria das Dóres Ribeiro.

Zeladora,

A Exma. Sra. D. Maria do Carmo Pereira Miranda.

Secretario,

Appolinario Jesuino de Oliveira Porto Alegre.

Thesoureiro,

Antonio José da Silva Lopes.

Procurador,

Joaquim Miguel Ferreira de Mattos.

Mordomos:

Os Srs: Joaquim José Sotero dos Santos, (re-eleito), Luiz José Ferreira de Moura (re-eleito), Caeetano Miguel de Sousa, (re-eleito), Domingos de Sousa Charviana, (re-eleito), Luiz José de Oliveira, (re-eleito), Agostinho José Rodrigues Junior, major José Antonio Alves, José Luiz do Sacramento, Manoel da Costa Vieira, Boaventura José Varella, Anacleto José d'Oliveira, Manoel Alves Pinto.

Mordomas:

As Exmas. Sras. D. Joaquina Ferreira de Araujo, Maria José Senteno Vianna, Silveria Ignacia de Godoy, Maria Bernardino Ferreira de Mattos, Guilhermina Corrêa Simões, Maria Sophia da Cunha, Josepha Ribas Cadaval, Clementina Amalia Palhares, Eliza d'Oliveira Braga, Belmira Joaquina dos Santos, Laurinda de Almeida Porto Alegre Delphina d'Oliveira e Costa.

O Sr. CORTEZ. — Este cavalheiro exhibio ante-hontem seu primeiro espectáculo. Comquanto a elle não assistissemos, não podemos furtar-nos ao dever de reproduzir, o que seus convidados propalam.

Cortez, em seus trabalhos nada deixa a desejar. A destreza, habilidade e limpeza, são nelle, por uma fôrma extraordinaria admiradas.

Hermann, erasublime e por vezes arrebatador; Cortez não será mais, porém não é menos. Talvez em algumas das sortes que executou, excedesse á esse feiticeiro que recordações tão aprasiveis nos legou.

A algumas pessoas ouvimos dizer, que tão bom artista era Cortez, que a maior satisfação delles, era ter tido occasião de victorial-o.

DE PORTO ALEGRE. — Com datas até 24 do corrente, chegou hontem desta procedencia, o vapor Guahyba.

— Por telegraphia particular da côrte, sabe-se haver sido nomeado chefe de policia desta provincia, por decreto do 19 do corrente, o Sr. Dr. José do Araujo Brusque.

— O governo geral, communicou telegraphicamente á presidencia desta provincia, haver sido aberto um credito de 50 contos de réis para as obras do cães da alfandega desta cidade.

— O Guaporé, seguira a 21 de Santa Catharina para a côrte.

LEILÃO. — O Sr. Alfredo Doux, faz hoje ás 11 horas da manhã, á porta da alfandega, um importante leilão, dos salvados da barca ingleza Valetta.

ELEIÇÃO. — Eis o resultado da eleição deltaquy, para deputados provincinaes:

Silva Tavares 16 — Domingos dos Santos 14 — Atayde 14 — Moura e Cunha 14 — Endoro Berluk 14 — José Brusque 14 — Emilio Barrios 14 — Manoel Ribeiro 13 — Seve Navarro 13 — Felisberto 13 — Borges Fortes 12 — Silveira Martins 8 — Bernardo Dias 7 — Carlos Flores 7 — Jayme Franco 6 — Antunes Ribas 3 — Camargo 2.

— Diz o Jornal do Commercio do 24, não ter podido obter o resultado da votação da Cruz Alta, isto é o unico collegio que falta do segundo districto, naas que uma carta particular que virá de 5 do corrente, diz o seguinte:

« O Silva Tavares teve aqui todos os votos para deputado geral.

« Na votação para deputados provincinaes não tiveram votos o Barrios, Jayme Couto e Bernardo Dias; sendo os mais votados do collegio, Carlos Flores, Berluk, Florencio e Camargo.

PESTE NO GADO. — De Uruguayana escreveram ao Rio Grandense, o seguinte:

« A peste no gado já começou á manifestar-se neste municipio e no Estado-Oriental, atacando de preferencia no gado gordo.

« Os carreiros já não podem ir d'aqui para o Sul, por falta de bois, e muitos que tem no caminho sem meios de mobidade.

« A peste aqui manifesta-se sangrando o casco da rez, apodrece a lingua e a rez morre sem poder mover-se ao comecar.

dando dois passos á frente. Que se vos offerece, cavalheiro ?

Tenho que communicar-vos uma ordem do general Maurice Mathieu, á cuja diviso tenho a honra de pertencer.

— Podes dissel-a.

— O general manda que me entregueis este castello, e que vós com vossa familia vos deis como prisioneiro de guerra, por haver promovido a revolução desta provincia.

— Creio, Sr. capitão, que é demasiada arbitrariedade a ordem de vosso general.

— Desobedeceis !

— Não pôde obedecer o que não tem liberdade.

— Parece que sois atrevido, exclamou o capitão, lançando-lhe um turvo olhar.

— Sou mas que vós, porque tenho a razão e a justiça em meu favor, enquanto vós outros, estrangeiros malditos, só tendes o atrevimento da força.

Tão nobre foi esta exclamação, que o mesmo Laforest retrocedeu um passo.

— Soldados, disse porultimo, apoderae-vos desse homem.

Quatro dragões avançaram para o barão ; porém sua esposa e sua filha puzeram-se adiante.

Até aquelle momento Edgardo Laforest não havia fixado sua attenção naquellas duas mulheres que se oppunham como um escudo para proteger a vida do barão.

Mas quando seus olhos se fixaram em Gabriela de um modo brutal, ao vêr aquella figura celestial, pallida com a cabeça volta para os soldados, olhando-os com horror e assombro, Laforest sentiu o que jámais havia experimentado : uma sensação nova e desconhecida, que commovia sua alma, endurecida com o espectáculo do sangue e da matança.

Tornou-se immovel olhando á Gabriela : porém o capitão era dono da situação, e aquella joven podia ser uma magnifica presa que a casualidade lhe apresentava, e tratou de apoderar-se della.

Carlos lêo nos olhos do capitão seus horribes desejos, e empunhou uma pistola.

Aquelle capitão, havia sido tambem o matador de seu pai.

Laforest só via á Gabriela, e dirigio-se para ella ; porém no mesmo instante, antepoindose Carlos, lhe disse apontando-lhe com uma pistola ao peito :

— Atraz miseravel ! Não pretendaes, assassino de ancãos, ser tambem verdugo de donzelas.

Estas palavras ressoaram no salão de tal maneira, que todos lançaram um grito.

Os francezes dirigiram suas bayonetas contra o peito de Carlos.

— Apoderae-vos desse homem ! exclamou Laforest frenetico.

— Atraz ! tornou a dizer Carlos, disposto a morrer matando.

— Sim ; atraz ! gritou uma voz, ao mesmo tempo que apparecia na janella um homem com uma espingarda na mão. Viva Hespanha ! Viva á independencia !

O apparecido era Anselmo.

Não bem haviam soado estes gritos, quando uma espantosa descarga ressoou aos pés do castello.

— Viva a independencia ! tornou a bradar

Anselmo, agitando sua espingarda, enquanto os francezes attonitos retrocediam ao estrepito do fogo. A' elles, valentes montanhezes ! Eu estou aqui Sr. barão. Firmes ! Os tenho cercados... não sentis ? Bem !... Bravo ! Os nossos sustentam o fogo como veteranos. Lembrae-vos de Covadonga meus filhos ! A' elles ! Ninguém se mova de seu posto !... Lembrae-vos do rei... da patria e da Virgem da Soledade... Animo !... Já principiou nossa vingança... Oh ! — pensaes que estamos em Rivasella ? Cuidado Sr. capitão de dragões... não me olheis desse modo. Já vos houvera feito saltar os miolos em cem mil pedaços, á não estar por meio meus queridos amos... Atraz, canalha ! Viva Hespanha ! Viva o rei !

Tudo isto dito com um pulmon poderoso e um entusiasmo difficil de explicar, causou, como não podia menos o assombro de uns e de outros. A's suas palavras respondia um nutrido tiroeteio, que afogou o echo pavoroso da tempestade e o qual obrigou á Edgardo Laforest á correr á seu posto, seguido de seus dragões.

Anselmo havia emprehendido a acção, vendo que seus amos iam ficar prisioneiros ; e favorecido pelo conhecimento do terreno, exallou a janella para communicar seu arroj, antes que os francezes houvessem podido causar o mais ligeiro damno.

Assim é que as primeiras descargas causaram um movimento de retrocesso na columna franceza, que lhes deu maior segurança para salvar a familia do barão de S. Yuste.

Evacuado o salão pelos dragões, Anselmo saltou em meio delle, sendo rodeado por todos.

Que succede ? perguntou o barão com anxiedade,

— Permitti-me, senhor, disse o nobre montanhez, que não vos responda. Não ha que perder tempo, e é inutil referir agora o que sabereis mais tarde.

— E' um nobre e generoso joven, respondem o barão.

— Agradecido. Porém, pensaes que os nossos se apoderaram de uma porta do castello, e que os francezes pôdem fazei-os em tiras, logo que descubram meu plano.

— Tens razão.

— Portanto, recolhei vosso dinheiro,... vossas joias e vossa familia, e fugi. Eu protegerei vossa retirada.

— Sim... sim, meu amigo.

— Então, mãos á obra... e viva o rei !

Em seguida, avisinhando se á Tula.

— Vem Tula ; da-me um abraço, para que

Deos me tire com bem d'esta noite.

A joven arrojou-se á seu pescoço.

— Pelo que toca a este momento, exclamou, Anselmo, bem pôde Napoleão tremar por minhas futuras façanhas.

Todos se dedicaram á seguir os desejos de Anselmo.

D'ahi á meia hora, o castello estava abandonado, e o barão de S. Yuste se afastava com toda a familia.

Os montanhezes se retiraram, e só ficou a fortaleza, que foi incendiada pelos inimigos, segundo o costume que estes tinham de entregar ás chamas nossos mais formosos monumentos.

CAPÍTULO VII.

O anelão

Não sendo nosso animo escrever uma historia, nos contentaremos com trazer em pequenos rasgos os feitos que deram lugar á essa grande epopéa de nossa independencia, que causou o assombro do mundo.

A 19 de Março de 1808 estallou a revolução de Aranjuez, a qual obrigou á Carlos IV a abdicar a corôa em seu filho Fernando.

Napoleão, por meio de astutos agentes, havia semeado a discórdia na familia real, em termos que, com o objecto de ser um mediador imparcial, mandou um numeroso exercito, que entrou em Madrid a 22 do dito mez e anno.

Tudo isto eram os primeiros annuncios da tempestade, ou melhor dito, o prologo do drama.

Fernando, entrou em Madrid a 24 no meio do mais vivo enthusiasmo.

Este immenso jubilo do povo hespanhol que olhava aos estrangeiros com olhos avessos, houve de atravessar os Pirineos e fazer tremer ao herde do seculo.

Fez então crer que vinha á Hespanha, e principio a mais ridicula comedia que a má fé poderia inventar.

Para conseguir seu intento, o homem grande, como lhe chama Mr. Laurent du Ardech, ficou reduzido ao porte do um lilliputiense.

Por outro lado aquelles maneios podiam considerar-se com assombro parecido ao que experimentára aquelle Sultão que jogava o axedrez com um mono.

O resultado de tudo foi, que a 10 de Abril sahira Fernando de Madrid á receber a Napoleão.

Porém, Napoleão, era naquelle momento como o espectro de Baneo, que quando Macbeth julgava tel-o á seu lado, se desvanecia como o fumo.

Fernando marchou para ficar prisioneiro.

A 17 uma nova peripecia inventada por Napoleão, veio complicar mais os negocios.

Carlos IV protestou contra sua abdicção, dizendo que havia sido violenta.

O povo ia perdendo a paciencia.

Assim como uma velha foi a causa da morte de Pirro, outra velha foi o primeiro pé de nossa revolução.

A 2 de Maio disse umas quantas palavras, no momento em que partia o resto da familia real, e foi sufficiente.

Mil rugidos sahiram de todos os peitos: a barbara sacrificia executada por Murat, havia de encontrar vingança.

Em todo o mez de Maio as provincias se levantaram expontaneamente e lançaram exercitos contra os vencedores da Europa.

E' certo que o herde julgára, poder-nos subjugar como á outras nações: porém esquecia-se que estava no paiz, onde Cezar chorou ao vêr a estatua de Alexandre, e onde não foram bastantes oito seculos para que os filhos de Mahoma pudessem estabelecer um reino tranquillo e independente.

Em todo o mez de Junho organizaram-se nu merosos corpos militares, e em julho pe-

receu por vez primeira um exercito francez no campos de Bailen.

Ao menos esta gloria não puderam arrebatá-la, como fiseram com a espada de Francisco I, que estava na armaria real.

Porém Murat não se lembrou d'atror de Lujanes, d'onde este monarcha esteve prisioneiro.

Enquanto este monumento esteja em pé, é inutil toda precaução.

A 20 entrou José I em Madrid e dirigio uma proclamação aos hespanhões; mas a 31 teve que retirar-se ao outro lado do Ebro, até que Napoleão visse precisado de entrar em Hespanha precedido de um exercito formidable.

A 5 de Novembro de 1808 pisou o territorio hespanhól.

Logo que Madrid foi abandonado por José Bonaparte, creou-se uma junta central para dirigir os negocios do reino e as eventualidades da guerra. Continuavam os armamentos, se organisavam divisões, e não diminuia o enthusiasmo.

A 30 de Novembro passaram os francezes o porto de Somosierra, e Napoleão se dirigio á Madrid, onde entrou a 4 de Dezembro, depois que este capitulou, após uma heroica resistencia.

Os successos da guerra voltaram a ter o mesmo aspecto que tinham antes da gloriosa jornada de Bailen.

Napoleão ao subir pelas magnificas escadarias do palacio real, disse a seu irmão que tinha melhor alojamento do que elle; e em seguida, com aquella actividade prodigiosa que era um dos principaes elementos de sua força, poz-se a trabalhar, a escrever instrucções á seus generaes, a dar conselhos á seu irmão, e á meditar em uma proxima campanha contra os inglezes que projectavam um desembarque nas costas de Portugal e Galisa.

Até aqui fomos historiadores: agora nossos leitores nos permitirão que sigamos nosso primitivo pensamento.

Na noite de 7 de Dezembro, Madrid estava silencioso; só o passo monotono e uni forme das numerosas patrulhas de infantaria e cavallaria, resoava no solitario e humedo pavimento das ruas; não se ouvia sentio as voses dos sentinelas estrangeiros, pedindo em idioma francez o quem vive: ao que, não faltava algum pandego hespanhol que respondesse com alguma phrase desavengonhada e enérgica.

Parecia que dentro da antiga e coroada villa existia um repouso profundo, pelo silencio que nella reinava.

Aquillo era o jogo da desgraça, porém não o da conquista e escravidão com que pretendiam sugar ao povo hespanhol.

Os homens que, esquecendo sua honra, sua patria e seu nome se haviam convertido em aulicos do novo monarcha, iam n'aquella noite á palacio para beijar as plantas do conquistador, enquanto o povo, collocado nas boccas das ruas menos concurridas, os olhos incendidos de cólera; silenciosa ameaça que não tardaria em cumprir-se.

Vistosos ajudantes corriam de tempo em tempo á communicar ordens aos quartéis, mais affastados da povoação. A's vezes des-